

Escolas novas já pagam até R\$ 20 mil para atrair professor Inglês e currículo diversificado estão entre as apostas

Busca pelos melhores professores faz colégios internacionais usarem até headhunters e instituições, que abrem em 2018, recebem enxurrada de currículos; mensalidade é de até R\$ 8 mil Colégio investe em aula bilíngue a partir do 6º ano; nas tradicionais, 'quem não se movimentar' perderá aluno, diz presidente de entidade

ESTADÃO.COM (SP) | .EDU | 07/01/2018 às 03:00

TEXTO

IMAGENS

SÃO PAULO - O texto na tela gigantesca que exhibe a apresentação para os primeiros pais que matricularam seus filhos na nova **Escola** deixa claro: “22 dos professores vieram dos melhores **Colégios** de São Paulo”. O evento em uma terça à noite de dezembro tem champanhe, queijo brie e foie gras para homens e mulheres vestidos em trajes finos. No palco, a agora ex-diretora do **Colégio** Santa Cruz fala em uma revolução na educação comparável ao Big Bang. O evento da Avenues - a **Escola** de Nova York que abre sua unidade na cidade em agosto - reflete bem o cenário atual do mercado do ensino particular de elite em São Paulo.

“Um headhunter me ligou, não me perguntou nem quanto eu ganhava, mas disse que pagaria o dobro”, conta um profissional já contratado pela **Escola** Internacional de São Paulo, outra novidade na cidade, que pediu para seu nome não ser divulgado. Como ele não se interessou pela mudança, acabou sem saber que **Escola** faria a proposta. Outro grupo que pretendia entrar no mercado de **Escolas** bilíngues ofereceu a ele R\$ 300 mil para uma consultoria.

“Ligaram lá no nosso telefone, tentando roubar a pessoa dentro da própria **Escola**”, diz o diretor da Internacional de São Paulo, Michel Lam. Ao mesmo tempo que está contratando cinco novos profissionais, esforça-se para não perder os que já tem. Lam é o fundador da **Escola** de inglês Red Balloon e, após vender a empresa, partiu para o mercado das bilíngues.

Este ano, a Internacional de São Paulo - que já funciona em um prédio provisório - terá uma grande unidade em Santa Cecília, no centro. O lançamento, em agosto de 2017, teve a presença do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele e 600 convidados foram apresentados

a um currículo suíço que será usado pela **Escola**, adotado por vários **Colégios** pelo mundo. “Cada **Escola** está tentando achar o seu diferencial, mas a gente quer ser conhecido por ter o inglês de nível. Numa **Escola** internacional, ele é o veículo de comunicação”, diz Lam. Para atrair professores, as **Escolas** oferecem salários altos e benefícios não tão comuns no mercado. A remuneração chega a R\$ 20 mil, 40% acima da média paga a profissionais que atuam no ensino médio de **Escolas** particulares de elite (R\$ 14 mil), como o Bandeirantes. Segundo a tabela do Sindicato dos Professores de São Paulo, alguns grandes **Colégios**, como o Porto Seguro, pagam cerca de R\$ 8 mil para docentes do ensino fundamental 1. E outros têm salários de R\$ 5 mil para educação infantil.

Os dados do sindicato são fornecidos pelos próprios professores. As novas instituições exigem docentes bilíngues e oferecem ainda contratação em tempo integral. As **Escolas**, em geral, pagam por hora-aula.

As mensalidades seguem tendência semelhante. Enquanto as **Escolas** atuais de ponta cobram entre R\$ 2,5 mil e R\$ 4 mil, as novas variam de R\$ 5,5 mil a R\$ 8 mil. Na mais cara delas, para manter o filho durante os 14 anos obrigatórios de **Escolaridade** no País - dos 4 aos 17 anos -, os pais gastariam R\$ 1,5 milhão.

Mas, fora os números impressionantes, as novas **Escolas** têm atraído profissionais pela oferta de trabalhar com algo inovador na educação. Para conquistar pais e docentes, pouco se fala em história e física e muito sobre autonomia e fluência digital.

A **Escola** Concept, que abre em fevereiro na capital, cultiva o slogan “bem além da lousa, carteira e giz”. Ao mesmo tempo, colhe os frutos da tradição ao se instalar em um prédio na Avenida 9 de Julho onde existia o **Colégio** Sacré Coeur de Marie. Católico, foi fundado em 1938 para atender só meninas e formou boa parte da elite paulistana. Fechou as portas nos anos 1990 por falta de alunos.

A Concept faz parte do Grupo SEB, do empresário Chaim Zaher, e já tem unidades em Ribeirão Preto e Salvador. Quem cuida da nova **Escola** é a filha de Zaher, Thamila. “Fomos aos países referências em educação para descobrir qual o fator de sucesso numa **Escola** inovadora. A resposta foi a formação do corpo pedagógico.” O **Colégio** então pôs headhunters em busca dos “melhores do mercado”.

“O que mais me motivou não foi a proposta financeira e, sim, a oportunidade de construir uma **Escola** do zero, em que o aluno é o protagonista e o professor o ajuda a crescer”, diz Elizabeth Toutin, de 39 anos, que era da Beacon School, na Vila Leopoldina, e foi para a Concept. A **Escola** terá aulas com formatos diferentes e procura docentes com “perfil de mediador e não apenas que saiba entregar o conteúdo”, diz Thamila.

Transferência. Um dos maiores símbolos da chacoalhada que as novas **Escolas** estão provocando no mercado foi a contratação de Cristine Conforti, de 60 anos, pela Avenues. Ela trabalhava no **Colégio** Santa

Cruz havia 40 anos e tinha um dos postos mais importantes da instituição tradicional da elite paulistana, o de diretora pedagógica. “No momento que me fizeram a proposta, eu buscava diferentes modelos de currículo para me informar, para aprender. E a Avenues cruzou meu caminho com um currículo inovador.” Ela conheceu a **Escola** numa viagem a Nova York.

A notícia de que Cristine deixaria o Santa Cruz para ser diretora do programa brasileiro da Avenues foi dada pela imprensa antes que a **Escola** pudesse comunicar aos pais, o que causou grande mal-estar. O diretor geral do **Colégio**, Fabio Aidar, admite que houve insegurança com a mudança, mas que “o projeto do Santa Cruz é maior que uma pessoa”. Dois outros professores também vão pelo mesmo caminho. “Pela primeira vez, estamos vendo um movimento no mercado. Mas acho saudável, não tenho receio de perda de alunos ou profissionais”, diz, completando que a **Escola** tem “fila de espera em todas as séries”. A Avenues foi fundada em Nova York em 2012 e está construindo uma unidade de 40 mil metros quadrados no Morumbi, zona sul. O projeto pedagógico é organizado por competências e não só pelas disciplinas tradicionais. A empatia, por exemplo, é uma delas. E os professores precisam buscar estratégias e conteúdos para que os alunos aprendam a desenvolvê-la. A maioria das aulas será dada em inglês e haverá intercâmbio de alunos e professores com o câmpus de Nova York e com os futuros, na China e Inglaterra.

Desde que começaram a aparecer as notícias da vinda da **Escola** para a cidade, 3,5 mil professores enviaram seus currículos para seleção. “É difícil ter uma oferta de trabalho da Avenues, mas quem recebe não recusa”, afirma o cofundador da **Escola**, o americano Alan Greenberg. Já foram escolhidos dois terços dos 85 profissionais que vão atuar no Brasil, entre brasileiros e estrangeiros. E ainda há vagas para professores de Português e Matemática.

Anne Baldisseri, de 49 anos, que vai ser diretora da educação infantil e fundamental, enfrentou entrevista de emprego de quatro horas. “Perguntaram desde a minha infância”, conta ela, que tinha passado a vida na St. Paul’s School, a **Escola** inglesa de 90 anos, no Jardim Paulistano. A avó e a mãe de Anne estudaram no **Colégio**, assim como ela, seus irmãos e filhos. Ao se formar bióloga, foi trabalhar no St. Paul’s como professora de Ciências, depois coordenadora e diretora. “Foi um choque na **Escola** quando eu disse que ia sair.” Anne se diz atraída pela capacidade da Avenues de fazer pesquisas sobre o que está ou não funcionando no ensino.

Cautela. Para a educadora da Universidade de São Paulo (USP) Silvia Colello, o surgimento dos novos **Colégios** reflete a insatisfação dos pais e dos profissionais com o modelo tradicional, mas é preciso cautela. “Os pais precisam ver não só a proposta pedagógica, mas a possibilidade de execução. E ter cuidado para não cair em golpes de marketing.” Ela lembra que o projeto **Escolar** é uma construção permanente e, por isso, a experiência da instituição deve ser